

MARIDOS E AMANTES

«Um romance cativante sobre amor e perda,
e uma viagem apaixonante durante a qual segredos
e desejos escondidos são revelados.»

Booklist

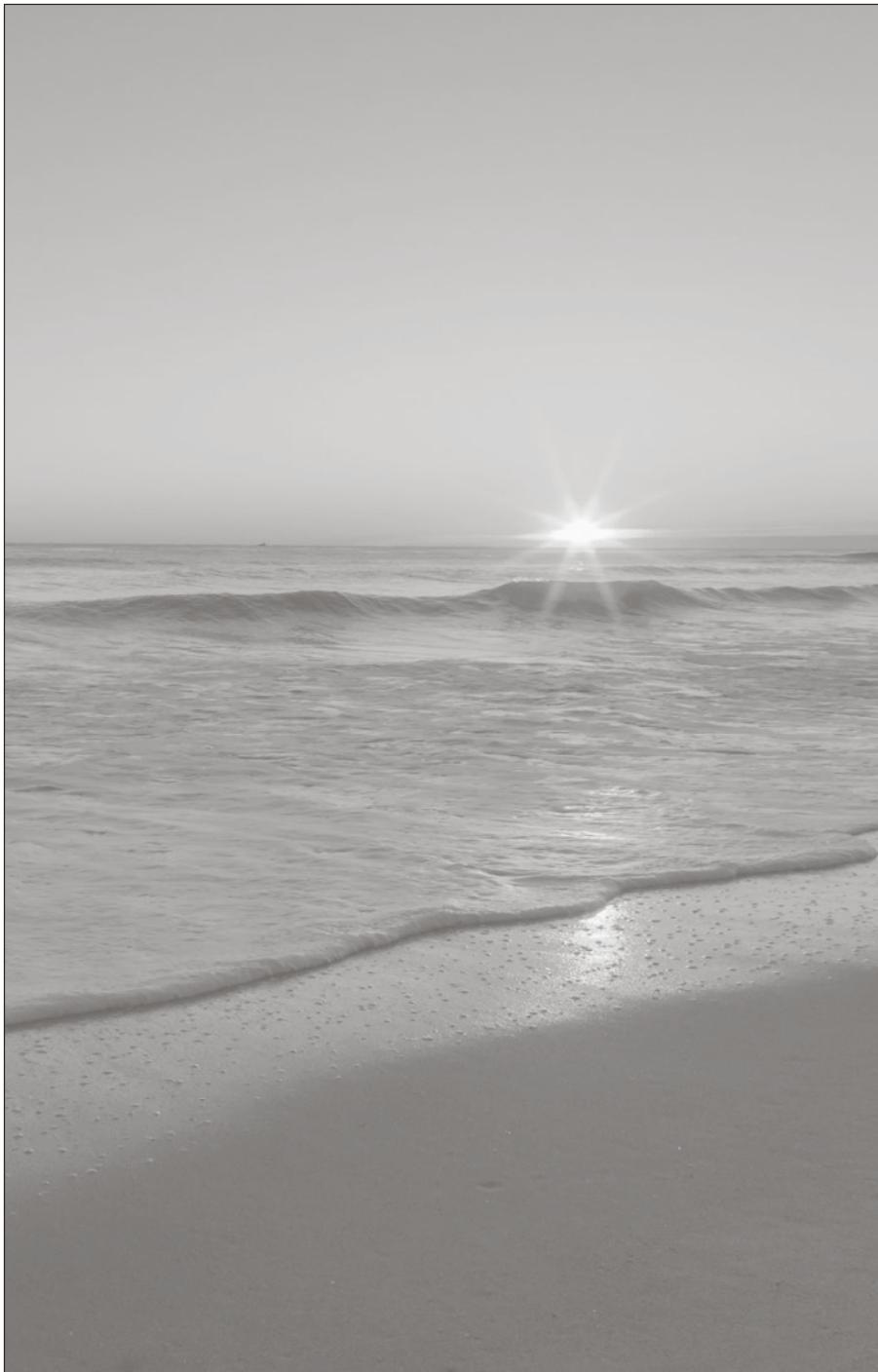
BEATRIZ WILLIAMS

FINALISTA DOS GOODREADS CHOICE AWARDS

MELHOR ROMANCE HISTÓRICO



Com muita gratidão aos meus filhos,
que nunca comeram cogumelos venenosos



PRÓLOGO

Mallory



Junho de 2019
Mystic, Connecticut

Despedi-me do Sam com um beijo num sábado de manhã, já a caminhar para o final de junho, e o telefonema que mudou a minha vida ocorreu na sexta-feira seguinte à tarde.

Na verdade, até foram dois telefonemas. Levantara-me da minha secretaria para ir fazer um pouco de jardinagem. Recordo-me de o tomateiro estar a crescer como louco nesse verão, as rosas a florir com toda a força. Tanta abundância. Por vezes, quando uma ideia se encrava na cabeça, acho que vale a pena dar uma voltinha a pé e fazer outra coisa qualquer, um trabalho manual, algo útil; o nó na minha mente solta-se e desemaranha-se na massa do pão ou nos sabonetes ou nas pilhas de roupa dobrada.

Ou na suave e rica greda de um canteiro de vegetais.

Ainda me enche de pavor olhar para aquela porção de terra e recordar como ali me ajoelhei, cravando as estacas das novas videiras desenfreadas, murmurando para mim própria enquanto na minha mente se formava um novo padrão — uma trepadeira de grade num tom prístino de verde-primavera, nem demasiado escuro, nem demasiado leve, a cor da promessa, rebentos e folhas delicados enroscados a brotar da videira progenitora.

A alguns minutos para as três, levantei-me, sacudi as calças de ganga, descalcei as luvas e entrei em casa para beber um copo de água e pegar no bloco de desenho.

Recordo-me do telefone pousado no balcão da cozinha, pois não o levara para o exterior. Sabem como é. Queria sair por uns minutos para arrancar umas ervas, quiçá regar o tomateiro, respirar ar puro, mas uma

coisa levou à outra, estava um dia maravilhoso, mais de 25 graus e não tão húmido como costuma ficar mais adiante no verão. Soprava uma brisa vinda do Mystic, com um toque a salmoura. Haveria enchentes de turistas junto à ponte levadiça em busca de um gelado. No aquário, haveria miúdos a gritar de alegria conforme as belugas passavam a grande velocidade do outro lado do acrílico. A questão é que o meu telefone ficou pousado no balcão, pelo que lhe peguei para consultar as mensagens e alertas de notícias, talvez um pouco de *scrolling*, e em vez disso percebi que tinha duas mensagens perdidas do Campo Winnipesaukee.

Conhecem a sensação. Todos os pais conhecem a sensação.

Não deve ser nada, pensa-se, *deve ser apenas alguma papelada por preencher ou um palavrão impulsivo e inapropriado*. Talvez uma briga, Deus não queira. Naquela idade, os miúdos podem ser brigões.

Mas o nosso corpo não é tão lógico, certo? O nosso corpo evoluiu a partir da catástrofe. O nosso corpo salta logo para o pior cenário. Ficamos com a barriga às voltas, as mãos trémulas pegam no telefone. O coração quase rebenta o esterno.

Passa-se o dedo para devolver a chamada.

Diz-se, com uma voz falsamente animada: *Olá! Daqui fala Mallory Dunne. A mãe do Sam? Ligaram-me daí.*

E ouve-se o minúsculo silêncio, a fração de um suspiro quando a pessoa do outro lado reúne coragem para a tarefa que tem em mãos.

E, então, as temidas palavras:

Senhora Dunne, infelizmente, tenho más notícias.

Penso que terei conduzido as três horas até New Hampshire em estado de choque. *Então, não entres em pânico*, disse a mim mesma. *Isto não está a acontecer. Não passa de um filme que estás a ver, um guião que estás a representar. Tipo um metaverso!* O que quer que isso fosse.

Nada *real*, seja como for.

Não o teu verdadeiro filho, o amor da tua vida.

Recordo como passei a chávena de café por água e a pus na máquina de lavar antes de sair. Quero dizer, não ia deixar uma chávena de café no balcão e sair a correr para New Hampshire por sabe-se lá quanto tempo!

Passei um pouco de batom pelos lábios, apesar de a minha mão tremer tanto que parecia uma daquelas pessoas do Instagram que pintam os limites dos lábios para lhes dar dimensão. Comecei a atirar umas coisas para o saco de viagem e depois pensei: *E se ele morre e não chego lá a tempo de me despedir?*

Larguei o saco de viagem e saí a correr na direção do carro. Só quando cheguei a Springfield é que percebi que estava descalça, pelo que tive de parar numa estação de serviço e comprar uns chinelos. E atestar o depósito. E comprar três barras de *Kind* e uma garrafa de água, pois estava prestes a desmaiar.

Ele não vai morrer, disse a mim mesma. Um rapaz absolutamente saudável não morre por comer um cogumelo venenoso.

A não ser que seja demasiado tarde.

A não ser que o dito rapaz tenha comido o dito cogumelo na véspera por causa de um desafio qualquer e não o tenha referido por não querer deixar os amigos em apuros, pelo que passou a noite e a manhã na enfermaria com os ditos problemas de estômago por a enfermeira não fazer ideia de que lidava com um caso de envenenamento.

A não ser que o mal estivesse feito.

A não ser que o mantivessem vivo apenas para eu poder despedir-me e autorizar a doação de órgãos.

Pode doar-se os órgãos de um miúdo depois de ele ter ingerido um cogumelo venenoso?

Um *Range Rover* passou a grande velocidade, matrícula de Nova Iorque. Olhei para o conta-quilómetros e vi que seguia a 100 quilómetros por hora, como se não houvesse pressa, não se tratasse de uma emergência, não quisesse apanhar uma multa por excesso de velocidade nem nada desse género.

Carreguei no acelerador.

Ele não vai morrer, disse em voz alta.

O meu cintilante e belo rapaz.

Que adorava jogar futebol no outono e basebol na primavera.

Cuja comida preferida eram *s'mores*.

Que na semana anterior foi fazer *bodyboard* com as primas em casa da tia, em Cape, e fingiu que tinha sido atacado por um tubarão. (*Não tem piada*, disse-lhe, depois de o ter recolhido da água.)

Que, na noite anterior a partir para o acampamento, encheu um frasco de compota com pirilampos e me disse que descobrira que as luzes vinham de todos os nossos antepassados no céu, que se mantinham atentos a nós.

Dei murros no volante. Se assim era, onde estavam ontem todos esses malditos pirilampos?

Ao chegar a White River Junction e deixar a estrada interestadual, começou a chover. Um par de pingas grossas, umas quantas mais, e quando se dá por isso... monção. Liguei os limpadores de para-brisa. Três segundos decorridos e pu-los na velocidade máxima. Varriam furiosamente o vidro e nem assim conseguia ver o que fosse. Diante de mim desabavam lençóis de chuva. Era como tentar espreitar através de uma cascata.

O que se seguiu é uma história verdadeira.

Estou a percorrer uma estrada por entre os bosques de New Hampshire rumo ao hospital, certo? Cada segundo conta. Só que não vejo nem três metros à minha frente. Por isso, esforço os olhos, nem sequer pestanejo, e surge de repente uma forma escura e *umf!*, bate no para-brisa e nas escovas do limpador de para-brisa.

Provavelmente, terei gritado. Não sei.

Tem poucos centímetros, esta pobre criatura, esta ave. A varrê-la de um lado para o outro, de um lado para o outro, penas por todo o lado, choro, grito e choro, implorando a Deus que liberte a ave, pois não posso parar, tenho de chegar junto do meu filho antes que morra.

Porém, o pobre animal permanece preso nas escovas, espalhando sangue pelo vidro que a chuva lava. Nem percebo que tipo de ave é. Limito-me a conduzir, e a rezar, e a chorar.

A chuva esmorecia conforme virei para o parque de estacionamento do Centro Hospitalar Dartmouth Hitchcock, para onde transportaram o Sam por via aérea um pouco depois do meio-dia de hoje.

(Mais tarde, quando vi *essa* alínea no aviso com a explicação dos custos da seguradora Blue Cross, levantei-me para me servir de um copo de *bourbon*.)

Mas, naquele momento, não estava sequer a pensar nos custos. Só me importava salvar o meu filho. Encontrei, por milagre, um lugar junto às urgências, travei a fundo e saí. Por perto, um homem a fumar um cigarro. Olhou fixamente para o pássaro no para-brisas da minha velha carrinha *Volvo*, que me foi passada pela minha irmã.

— Está morto? — quis eu saber.

Olhou para mim. Ainda guardo na memória a imagem dele — um miúdo jovem, esperto, duro de roer, de bata verde. Recordo-me de pensar que, pelo aspetto, poderia ser interno ou estudante de Medicina — um miúdo que teve de percorrer o caminho mais árduo, nada de escolas privadas chiques, nada de tutores ou pais que pressionam. Trabalho depois das aulas, meter compras em sacos para juntar dinheiro. Ele só queria ser médico.

— É uma coruja — disse ele. — Uma coruja bebé.

— Está morta? Diga-me só isso, está morta?

— É evidente que está morta — declarou.

Na receção das urgências, apresentei uma explicação apressada sobre acampamento de férias e cogumelos ao enfermeiro de serviço. Ele estava habituado a pais histéricos, pelo que, numa voz que não era nem deixava de ser amável, me interrompeu para perguntar o nome do paciente.

Inspirei fundo.

— Sam Dunne.

— Data de nascimento?

— Dez de maio de 2009.

— Parentesco com o paciente?

— Sou a mãe, por amor de Deus!

Teclou no seu computador, olhando para o ecrã.

— Nome?

— O *meu* nome?

— Sim, minha senhora.

Olhei para o risco do cabelo dele. Castanho-claro ondulado. Escalpe rosado.

O enfermeiro ergueu o olhar.

— Minha senhora? O nome?

Começa por M, pensei. Tu és capaz.

Acenou com a mão vagarosamente diante do meu rosto.

— Minha senhora? Precisa de se sentar?

— Mallory! — Senti um grande alívio. — Mallory Dunne.

O enfermeiro devolveu a atenção ao computador e voltou a teclar.

— Vou precisar da sua identificação e cartão do seguro, por favor, senhora Dunne.

— A minha quê?

— Identificação e seguro, por favor.

Agarrei a beira do balcão e debrucei-me.

— O meu filho está a morrer e quer ver a minha *identificação*?

— Senhora Dunne, tenho de lhe pedir que se acalme...

— Que me *acalme*? Fiz uma viagem de três horas a conduzir para aqui chegar! Nem sequer sei se ele está vivo! Ele tem 10 anos! Está rodeado por estranhos! Precisa da mãe!

— Senhora Dunne...

— Eu quero... ver... o meu *filho*!

O enfermeiro fechou os olhos, encheu os pulmões com paciência e disse, numa voz agradável e vagarosa de jardim infantil:

— Eu comprehendo. Mas, ainda assim, tenho de lhe pedir a identificação. Por razões de segurança. Se o pai do Sam...

— O pai do Sam — disse eu — não faz parte do cenário.

— Inda assim...

— Não é assim que se diz, caramba!

O enfermeiro pegou no telefone.

— Vou chamar a segurança.

— Chamar a *segurança*? Está a gozar comigo? O meu *filho* está ali dentro! Preciso de ver o meu filho e vai chamar a segurança?

— Senhora Dunne, tem de se acalmar...

Aponto o dedo ao peito dele.

— Nunca diga a uma mulher para se acalmar! Em especial, a uma mãe cujo *filho* está nas *urgências*! E que tem um *homem* a tentar impedir-lhe de o ver. E, já agora, não sou *senhora*!

O enfermeiro levantou-se da cadeira, com o telefone na mão.

— Estou a dizer-lhe, menina Dunne, *tem* de se acalmar já. Pelo bem do seu filho. Porque vai mesmo precisar.

* * *

Meia hora mais tarde, a minha irmã chegou à sala de espera instalada à parte para pais histéricos. Saltei da cadeira.

— Paige? O que raio fazes aqui?

— Sou o contacto de emergência, lembras-te? Vim o mais depressa que pude. Oh, Mallory. — Avançou para mim e puxou-me para os seus braços. Cheirava a sabonete de gardénias e responsabilidade. — És tão doida, querida. Só *tu* para ires parar à cadeia do hospital.

— Já o viste? Ele está bem?

— Falei com a médica. Está estável. Crítico, mas estável...

— Crítico? O que quer isso dizer?

A Paige recuou e segurou-me pelos ombros.

— Vamos juntas falar com a médica, está bem?

A Dra. Stephens era uma loura de rabo-de-cavalo esguia e intensa, o tipo de mulher que corre uma dúzia de quilómetros pelo alvorecer antes de ir trabalhar. Levantou os olhos da prancheta e revelou um olhar cáustico quando me aproximei com a Paige.

— Senhora Dunne — disse ela.

Abri a boca para a corrigir, mas depois fechei-a bem.

— Doutora? — disse eu a medo. — Sou a mãe do Sam.

— Sim. Lamento muito o sucedido. Tratamos alguns casos relacionados com cogumelos por ano, mas raramente tão graves como este.

— Grave a que ponto?

— As próximas 48 horas vão ser cruciais. O seu filho ingeriu um fungo basidiomiceto conhecido por *Amanita phalloides*...

— Desculpe, como?

Uma vez mais, fui trespassada pelo seu olhar.

— Um cogumelo chapéu-da-morte.

— Oh, merda — comentei.

— Pensei que já tivesse sido informada.

— Disseram *cogumelo*. Nada sobre o filho da puta do chapéu-da-morte.

Quase dava para ouvir os pelos dela a eriçarem-se. Os olhos dela não eram de um azul puro, antes opaco, como um céu nublado ao amanhecer, e não percebi se estava irritada com a minha postura, com a minha linguagem ou ambas.

A Paige agarrou-me o cotovelo.

— Não leve a mal, doutora. Sai-lhe quando fica emocionada.

— Com certeza — disse a Dra. Stephens. — O chapéu-da-morte contém dois tipos básicos de toxinas... amatoxina e falotoxina. No período inicial, que começa umas horas após a ingestão, o paciente exibe os sintomas comuns de perturbação gastrointestinal... vômitos, diarreia. Assim, nessas fases iniciais, a não ser que saibamos que o paciente ingeriu um cogumelo, é facilmente descartado ou erradamente diagnosticado como um norovírus.

— Gastroenterite — afirmou a Paige com conhecimento.

— Exatamente. Em especial no caso das crianças, e em *especial* quando se mostram relutantes em confessar aos adultos o que andaram a tramar. — A Dra. Stephens fez um clique na ponta da esferográfica.

— No entanto, durante este período, as toxinas já iniciaram o ataque aos órgãos do paciente...

— Oh, merda — disse eu. — Oh, merda.

— ... principalmente o fígado e os rins. Nos piores cenários, leva à falência dos órgãos e à morte.

Eu estava a representar num filme, recordei a mim mesma. Isto não estava realmente a acontecer.

— Mas é tratável, certo? Estamos a falar de medicina moderna. Pode dar-lhe algo.

Olhou para a prancheta.

— A preocupação imediata é a desidratação. Tem estado com intravenosa a repor os fluidos, eletrólitos. Há uma série de antibióticos que se revelaram eficazes em neutralizar a toxina...

— E está a dar-lhe isso?

— Sim, a par de silibinina... um extrato do que é vulgarmente conhecido por cardo-mariano. Ajuda o fígado a combater os danos causados por ambas as toxinas.

— E o que mais?

Encolheu os ombros.

— Tratamos os sintomas. O resto depende do corpo dele. Quanto ingeriu, quando ingeriu exatamente.

— Está a sofrer?

— Está em coma, senhora Dunne. É comum, nestes casos.

— Posso vê-lo?

A expressão dela suavizou.

— Claro. Venha comigo.

Passou rapidamente por nós. Toquei no cotovelo da sua bata branca para a deter.

— Doutora Stephens? É *menina* Dunne, e não senhora.

A médica anotou na prancheta.

— E o pai dele?

Desta vez foi a Paige a falar.

— O pai dele não faz parte do cenário.

Deitado sobre o travesseiro branco, o rosto do Sam tinha a cor dos *Doritos*. Posso ter arquejado.

— É da icterícia — informou a enfermeira.

Deixei-me cair numa cadeira junto à cama. Não por vontade própria, mas por já não me aguentar de pé.

— Merda — sussurrei.

— Pode tocar-lhe. Falar com ele. Deixar que perceba que está aqui.

Em volta dele, as máquinas lançavam bipes e gorgolejos. O Sam sempre fora grande para a idade, robusto como o pai. Radiante. Energia a irromper-lhe da pele. Em excesso, por vezes. Tanto que eu acabava por colapsar na cama, à noite, a chorar por me sentir tão exausta, por não haver mais ninguém para impedir que aquela bola de fogo fosse projetada para o espaço, pois o Sam era só responsabilidade minha.

O corpo mirrado e amarelecido na cama não podia ser o Sam. Não era ele. Havia ali um erro qualquer.

Então, olhei para o rosto dele. Um caracol de cabelo dourado, húmido na testa, a cor idêntica à da pele. Afastei-o. Atrás de mim, a Paige pousou a mão no meu ombro.

— Ei, companheiro — resmunguei. — É a mãe. Desculpa a demora. Muito trânsito.

Os monitores emitiram bipes.

— Bem, mas cá cheguei. Estou aqui. Vamos pôr-te bom num instante. E quando acordares, juro por Deus...

A Paige resfolegou para não rir.

— Um cogumelo, por amor de Deus. A merda de um cogumelo.

— Mallory, não digas asneiras ao pé da criança.

— Desculpa, miúdo. O *raio* de um cogumelo.

A enfermeira acabou de verificar os monitores e virou-se para nós.

Para uma e para a outra, para mim e para a Paige.

— Então... vocês são as mães?

A Paige largou o meu ombro.

— Não, credo. Sou irmã dela. Ela é a mãe.

— Entendido. Bem, tem aqui um miúdo rijo, isso é certo.

— Acha que sim? — perguntei.

— Sem dúvida. Até é bonito, debaixo de todo aquele amarelo, certo? Parece aquele cantor.

— Cantor? — disse a Paige, com inocência. — Que cantor?

— Aquele que se senta num banquinho e toca guitarra. Não sabem? Tem aquela canção sobre pássaros a voar para sul, sem olharem para trás. — Murmou uns acordes. — Sabem quem é. Apareceu na capa da *People* há umas semanas. Este miúdo é a cara chapada dele.

Virei-me para o Sam e encaixei a sua mão frouxa entre as minhas.

Sentia-me tão tonta que achei que ia vomitar.

— Não sei — disse eu. — Nunca ouvi essa.

Mais tarde, olhando para trás, para essa primeira semana no hospital, não seria capaz de recordar muito. Dizem que experiências como essa são como um borrão, e talvez se trate de um cliché, mas veio a revelar-se verdade, tal como por vezes os clichés o são. Gostaria de dizer que ocorreu um momento exato de revelação, um ponto de viragem após o qual soubemos que o Sam sobreviveria, e que sentimos alegria e resolução e um final feliz em que agradecemos aos médicos por lhe salvarem a vida e regressámos de carro a casa naquele momento frágil de final de tarde quando o ar estava pintado a dourado, como nos filmes.

Só que a vida não é um filme e tal momento nunca ocorreu.

Passámos o tempo junto aos bipes dos monitores e à subida e desida do Sol para lá da janela, lá fora, naquele mundo onde a gente comum segue com as suas vidas, vai de férias, desfruta do verão. A Paige trouxe as filhas e hospedou-se num daqueles hotéis de estadas prolongadas, e ninguém se queixou por perder o verão junto ao mar ou pela escassez de mexilhão frito nas colinas de New Hampshire. O marido dela vinha de carro ao fim de semana para se juntar a nós. Um tipo porreiro, o Jake.

A Paige trazia-me café e sandes, e assegurava que eu escovava os dentes e mudava de roupa.

Dia após dia, o Sam sobrevivia, respirando, existindo, e o temor pela sua morte foi substituído pelo temor do futuro que nos aguardava.

O que viria neste novo mundo em que o meu filho de 10 anos não dispunha de um par de rins em funcionamento.

Há um momento discreto que recordo. Recordo-me de sair do hospital para seguir de carro para o quarto de hotel que a Paige nos reservara, não por querer sair, mas por ela ter insistido. Terá sido no segundo dia, depois de eu ter passado a primeira noite a dormir — ou sem dormir — na cadeira do quarto de hospital do Sam.

Precisas de dormir numa cama, disse-me a Paige. *O Sam precisa que tu durmas numa cama*.

Assim, arrastei os pés pelo parque de estacionamento até ao meu carro. Já era tarde, e, dado que estávamos no final de junho em New Hampshire, o céu ainda só agora começara a escurecer. O ambiente estava carregado de sombras. Teria sido assustador, se restasse algo no mundo para me assustar.

Cheguei ao carro e olhei para o aglomerado de penas presas às escovas do limpa-para-brisas.

Esquecera-me da ave.

Uma coruja bebé, dissera o homem do cigarro, e não se equivocara. Eu não sabia muito sobre aves do bosque, mas percebia-se que se tratava de uma coruja pela forma da cabeça e pelos olhos vidrados. Uma coruja pequena e jovem. Provavelmente, acabada de sair do ninho. Voara para o vasto mundo, esmagara-se contra o meu para-brisas desembestado

e morrera, e a mãe coruja e o pai coruja nunca saberiam o que lhe sucedera.

Nos meus ouvidos, ainda ouvia os bipes incessantes dos monitores. O tiquetaque da vida do Sam.

— Desculpa — sussurrei à coruja bebé. — Desculpa, mesmo.

Sentei-me na berma do passeio e abri as mãos.

No meu pulso direito, a pulseira da minha mãe deslizara para o lado errado, pelo que as pontas morderam a pele fina no interior do braço. Ela tinha-ma deixado quando morrera, e ainda me choco aovê-la a envolver o meu punho e não o dela — uma cobra dourada com a cabeça em posição de ataque, dois minúsculos olhos esmeralda e uma minúscula língua rubi a tentar alcançar eternamente a ponta da cauda. A sua própria mãe oferecera-lhe esta pulseira, contou-nos quando éramos pequenas, e nunca vi a minha mãe sem a trazer no braço.

Até ao seu funeral, há ano e meio.

Os olhos da serpente cintilaram na minha direção, da cor dos da minha mãe.

— Preciso tanto dela — sussurrei. — Porque é que a levaste?

Porém, a cobra não proferiu uma palavra que fosse.

CAPÍTULO UM

Hannah



Agosto de 1951

Cairo, Egito

A naja ter-se-á refugiado no pavilhão, quando o sol tombou para lá do telhado do hotel. Agora, mostrava o seu capelo a Hannah, indignada. Os seus olhos pareciam gotas de óleo. Agitou a sua língua para provar o ar e atacar.

Hannah não podia culpar a naja. Como condenar uma serpente por ser uma serpente?

Alistair alertara-a para as najas assim que chegaram ao Cairo. Fora para ali destacado durante a guerra, pelo que se achava um verdadeiro perito. *A tua naja egípcia pode atingir até perto de um metro e meio* — na sua voz imperial, mantendo dois braços pomposos apartados — *e ser venenosa como o demónio. A maldita rasteja diretamente para dentro da tua casa, tenda ou perna das calças, por isso é bom que estejas atenta ao chão que pisas.*

Hannah escutara com atenção e mantivera-se atenta ao chão que pisava. Quando ela e Alistair fizeram aquela viagem a Luxor na semana anterior, ela vira-as ocasionalmente entre as rochas, tal como escorpiões, mas sempre se escapuliram. Alistair deveria sentir-se desapontado. Andara sempre de machete na cinta e acalentara a ideia de decapitar uma naja no momento crítico. Que história fantástica que *isso* daria!

Hannah agora não tinha um machete. Nem sequer uma lima para as unhas — simplesmente pegara na sua carteira e abandonara a mesa. Um impulso, nada mais. Alistair discursando sobre a divisão da Índia, os Beverleys assentindo alheadamente, o comentário sufocante

de Alistair quando ela tentava introduzir uma leve observação — *Não sejas tontinha, Hannah.*

Ela murmurara algo sobre um cigarro e saíra em passada larga para a lotada e ruidosa sala de jantar, atravessando o Salão Árabe até aos jardins.

O ar permanecia denso e quente devido ao sol de final de verão. Os mosquitos esvoaçavam de um lado para o outro. O aroma a jasmim inebriou-a. Ouvira umas gargalhadas junto à arcada e procurara sorrateiramente abrigo no pavilhão, surpreendendo uma naja que ia simplesmente instalar-se para uma bela e tranquila sesta.

De todos os lugares possíveis para morrer! Ao pensar nisso, quase dava para rir, todas as maneiras que ela poderia ter encontrado o seu fim — aqueles acidentes e objetos que a poderiam ter matado, as vagas de bombas, os soldados alemães seguidos pelos soldados soviéticos, já para não referir o clima e os micróbios e uma centena de coisas —, todos aqueles momentos fatais em que sobrevivera por milagre, ou força de vontade, ou graças a algum Deus caprichoso em que já não acreditava... e agora isto?

O jardim das traseiras do Shepheard's Hotel no Cairo. Uma noite monótona e previsível de agosto.

Que piada, uma piada colossal.

Quem poderia pensar que acabaria assim, quando acordou esta manhã na cama fofo e estreita no quarto que partilhava com o marido? Quando a criada de passos leves bateu à porta do quarto com o chá de Alistair e várias chávenas de café turco doce e forte que pontuaria as horas de Hannah até ao almoço — ora essa, quem teria dito a Hannah para apreciar ao máximo esses cafés, pois seriam os últimos que tomaria na vida?

No momento em que lia o jornal em voz alta para Alistair, enquanto tomavam o pequeno-almoço trazido numa bandeja, quem teria achado que estaria morta pela meia-noite?

Quando, esta manhã, como era habitual, apertara a gravata de Alistair e lhe dera um beijo fugaz de despedida na bochecha seca? Quando pegara nas folhas que ele deixara no canto da escrivaninha na noite prévia e as datilografara na máquina de escrever, corrigindo,

entretanto, os erros? (Alistair era descuidado com a ortografia.) Quando, precisamente como era habitual, se permitira a um cigarro no trajeto de carro para o clube, seguido pelo almoço, seguido pelo ténis com as esposas dos Negócios Estrangeiros, seguido pelo *gin*, seguido pelo regresso a casa de carro e do longo banho e do segundo cigarro?

Quem teria pensado que nunca mais viveria tais coisas?

E quando Alistair regressou do consulado e pegou nos seus livros e caneta, como sempre fazia, enquanto ela se instalava no sofá para ler o romance inglês e interrompia para ver um lagarto a correr para um lado e para o outro no chão e pela parede acima para desaparecer na fenda junto ao teto? Quem imaginaria que ela nunca viria a saber o que aconteceria ao homem que amava a mulher casada com o outro homem?

Quando bateram as seis da tarde e ela se levantou do sofá e serviu um *scotch* com soda ao marido e o ajudou a vestir-se para o jantar?

Quando vestiu o comprido vestido preto que se ajustava ao seu corpo e as pérolas e as luvas pelo cotovelo?

Quando bebeu o segundo *gin* tónico com lima?

Depois, a viagem de carro silenciosa sobre o rio na direção do hotel. O *cocktail* de champanhe. O segundo *cocktail* de champanhe. O *cocktail* de camarão seguido pela sopa fria de tomate.

A conversa sobre o rei — o idiota do Faruk, assim lhe chamou Alistair.

A orquestra que deslizou para a valsa enquanto os empregados levavam a sopa e serviam o peixe. Depois a carne e os legumes. Depois a salada. Depois a sobremesa, e o queijo, e o belo vinho doce *Yquem*, e a separação indiana, e *Não sejas tontinha, Hannah*.

Quem teria sussurrado ao ouvido dela — quando se recostou no seu assento e terminou o *Yquem* e o pensou, *Devo gritar?* — *Bem, não te apoquentes, cara Hannah, só te restam quinze minutos de vida?*

Que os seus derradeiros segundos estavam em contagem decrescente quando Hannah se ergueu da cadeira, murmurou algo sobre o cigarro e se afastou cambaleante da sala de jantar pelo Salão Árabe até às portas que davam para o jardim, onde o Sr. Beck, o subgerente do hotel, apareceu do nada para perguntar se desejava algo.

* * *

Oh, Sr. Beck. Que pena em relação a ele! Agora, nunca mais verá o Sr. Beck.

Ele era suíço, segundo uma das outras esposas dos Negócios Estrangeiros. Todos os hoteleiros no estrangeiro eram suíços. De uma forma algo misteriosa, a profissão nascia dentro deles, a mulher não compreendia como. Talvez se devesse à neutralidade. Ou a uma tradição de hospitalidade das montanhas. Mas, para Hannah, a única coisa que o Sr. Beck tinha de suíço era o apelido. Tinha grandes olhos verdes brilhantes logo abaixo de sobrancelhas pretas, e longas e negras pestanas, para não deixar dúvidas. As feições dele eram quase delicadas, com a exceção do maxilar forte que ancorava a base do seu rosto. Como qualquer bom gerente de hotel, era invisível, desprovido de voz, a não ser quando se necessitava dele.

E então aparecia como um *djinn*.

Necessita de algo, senhora Ainsworth?, perguntara-lhe, nem cinco minutos antes, e estupidamente ela dissera *Não, obrigada* e seguirá o seu caminho.

Arrogante, assim ela era chamada. Escutara isso em certa ocasião. *Puta arrogante, aquela mulher do Ainsie. Sabes bem como ele a encontrou. Sabe Deus de onde terá vindo. Quem é a gente dela. O raio do sortudo do Ainsie ficou caidinho por ela.*

Oh, ela ouvira-os bem. Tal como eles pretendiam. Os ingleses eram tão polidos... nunca lhe diriam tal cara a cara.

Não, obrigada, disse ela ao Sr. Beck, o subgerente do hotel de olhos verdes, e seguiu caminho para os jardins, sozinha, um pouco tocada, mas andava sempre um pouco tocada quando caía a noite — era a única forma de aguentar o dia sem pegar numa daquelas facas de prata esguias e elegantes que espalhavam pela sala de jantar para matar alguém.

Ou a ela própria.

Agora, esta maldita naja.

No Egito, a naja era por vezes tratada por áspide, o que nos leva a pensar em Cleópatra. Segundo a lenda, fizera os criados carregar uma áspide às escondidas num cesto para os aposentos privados dela, onde fora confinada por ordem de César, ou de alguém.

Hannah duvidava de tal história. Uma naja egípcia era uma serpente grande e, quase de certeza, não aceitaria ser enfiada num cesto... em especial um cesto suficientemente pequeno para ser levado às escondidas para os aposentos de Cleópatra sem levantar suspeitas. Mas Ptolomeu assim o contou; como tal, deve ser verdade. Seja como for, interessa mesmo saber como Cleópatra enfiou a serpente no seu quarto? A questão é: ela morreu mordida por uma serpente. A não ser que todo o incidente tenha sido uma metáfora — a serpente no quarto da senhora a administrar a dose letal de veneno. Estão a perceber a ideia.

A serpente de Hannah — naja, áspide, como quiserem chamar-lhe — era, sem dúvida, real. As suas escamas minúsculas tinham pintas castanhas e o seu capelo traçava um arco perfeito. Estendeu-se ao longo do gradeamento, pelo que, quando ela se sentou, há um segundo, o seu rosto ficou apenas a um metro da face da naja — perto o suficiente, de qualquer modo, para, com a luz que jorrava das janelas do hotel atrás dela, todos os pormenores serem bem visíveis.

Dizem que o tempo abranda num momento de perigo, e Hannah teria concordado. Dispusera de todo tempo do mundo para admirar a beleza da serpente, o capelo perfeito, as infinitas escamas sarapintadas a castanho. Todo o tempo do mundo para cheirar o jasmim, para escutar a cadência ligeira da orquestra que a embalaria até adormecer.

Reparou no requintado padrão de azulejos do pavilhão.

Imaginou o rosto rubro de Alistair, tenso de horror — que choque seria, quem diabo lhe serviria o *scotch* com soda tal como ele apreciava? Mas durou apenas um instante. Outro rosto substituiu o rubro e tenso de Alistair; e depois mais rostos, um de cada vez, mas todos ao mesmo tempo, atingindo-a nas entradas e deixando-a sem fôlego.

Raiva.

Dor.

Toda a agitação que fora incapaz de sentir em anos. Tudo isto nos olhos como pingas de óleo da naja que se lançou ao pescoço dela. Que estupidez.

Hannah ergueu o braço. As presas cravaram-se nas costas da mão. Ao cair, o mundo ficou branco, demasiado brilhante para suportar. O par de braços que a apanhou fazia parte do sonho.

Necessita de algo, senhora Ainsworth?

Sim, senhor Beck. Necessito de tudo. Necessito de si.

CAPÍTULO DOIS

Mallory



Junho de 2022
Cape Cod, Massachusetts

A Paige liga-me a caminho de casa, após a diálise.

— Podes falar? — questiona.

Espreito para o Sam, sentado ao pé de mim. Tem os *AirPods* postos, a passar-lhe música. Quando fez 12 anos, cedi e ofereci-lhe um telemóvel, pois tinha a necessidade ser capaz de contactá-lo em caso de emergência, certo? O seu cabelo cai agora sobre a testa, uns tons mais escuros do que quando era pequeno. Não entendo a expressão dele ao ver as dunas passar. Por vezes, dói, o modo como está a crescer, tornando-se outra pessoa. Eu comprehendia todos os pensamentos que lhe passavam pelo rosto.

— Estou a ouvir — digo à Paige.

Ela suspira para se preparar.

— Ora bem, é sobre a mãe — anuncia.

É sobre a mãe.

Por acaso, foram as exatas palavras a que recorreu para contar que a mãe morrera, há quatro anos e meio. Recordo-me de ser outubro por estar a preparar o disfarce de Halloween do Sam. Ele tinha 8 anos e queria mascarar-se de extraterrestre. Conciebi sozinha todo o fato. Estava a terminar as mãos — uma espécie de corta e cose de um cetim verde-vómito que encontrei entre os restos de tecidos e um par de luvas de limpeza de borracha —, por isso fiquei um pouco irritada por me ter interrompido com o raio do telefonema.

Suspirei e disse: *O que tem a mãe?* Estão a ver, a contar com mais uma meticolosa conversa de irmãs sobre o Viljo, o mais recente amante

da mãe. O Viljo era um deus finlandês louro com mais de dois metros de altura com quem, pelos vistos, a mãe andava a ter o melhor sexo da sua vida, pelo que, como é natural a Paige, não o aprovava. Blá, blá, blá, é demasiado novo para ela. Blá, blá, blá, só a quer pelo dinheiro.

Ao que eu poderia responder algo como: *Que dinheiro?*

Ao que a Paige poderia responder algo como: *A avó e o avô estavam bem na vida, certo?*

Ao que eu nunca respondia, porque a Paige não sabia o que eu sabia, que era que a mãe considerava esse dinheiro sujo e, mal o herdou, deu todos os dólares ao Clube das Montanhas Apalaches para remodelação de cabanas. A Paige teria desmaiado se soubesse *disso*. Sempre detestou aquelas caminhadas nas Montanhas Brancas para onde a mãe nos arrastava todos os verões. *Literalmente, o pior clima do mundo*, recordava-nos. *Assim diz no panfleto*. Deste modo, eu redirecionava a conversa, e foi de certa forma um choque quando o advogado leu o testamento da mãe, que deixou à Paige a casinha de Provincetown e a mim o dinheiro que sobrou num fundo para os estudos do Sam.

Mas, estou a divagar.

A Paige disse-me para me sentar, e eu disse-lhe que já estava sentada, que podia ir diretamente ao assunto, e a Paige disse: *Está bem. O assunto é que a mãe partiu*.

Eu disse que já sabia que ela tinha partido. Partira para o Peru com o Viljo.

Querida, eu quero dizer que partiu para sempre, disse a Paige. *Quero dizer que morreu.*

Ela e o Viljo — a Paige chamava-lhe *Dildo* — andavam as escalar os terraços de Machu Picchu e a mãe desequilibrou-se. Não sei se alguma vez visitaram Machu Picchu, ou se viram fotografias, mas aqueles terraços são íngremes, pelos vistos. Ela deu um pequeno tombo e bateu com a cabeça nas pedras. Quando a levaram de helicóptero para um hospital, estava em coma com uma hemorragia cerebral. Morreu nos braços do Viljo, no dia seguinte.

Sinceramente, não é possível inventar uma coisa assim.

Vou poupar-vos ao drama de seguir de avião para o Peru para tratar da transladação do corpo da mãe. O serviço fúnebre, a cremação, o espalhar das cinzas na costa de Cape Cod ao pôr-do-sol. Procurar o pai

nos bastidores do hipódromo de Santa Anita, de onde enviou as condolências, mas recusando ir à cerimónia fúnebre porque os funerais eram uma seca e a Breeder's Cup estava à porta.

Vou poupar-vos aos estádios de dor e ao modo como dei por mim a pegar no telefone para lhe contar algo, para só então perceber que ela não estava lá. Já ouviram isto antes e, se passaram por tal, lamento muito.

A questão desta história é a Paige ter-me ligado a *mim* para dar a notícia da morte da mãe, e não o contrário. Quero dizer, eu e a mãe éramos unha com carne, certo? Ela contava-me tudo, coisas que provavelmente não deveria, tipo quando perdera a virgindade e a frequência com que o Viljo se punha em cima dela. Contou-me toda a história com o pai e sobre o ano em que levou o seu violoncelo para Paris e tocou numa estação de metro para pagar a comida. Ligava-me quando fazia um papanicolau, ou descobria um queijo novo fantástico no mercado agrícola, ou tinha de levar o gato ao veterinário.

Ligava à Paige para lhe dizer o que deveria dar-me no Natal.

Então, como é que a Paige soube da morte da mãe antes de mim?

Porque ela pôs-me como contacto de emergência, explicou a Paige, algo envergonhada.

Bem, até fazia sentido. A Paige é o contacto de emergência de toda a gente. É o *meu* contacto de emergência. Se alguém der por si numa situação de emergência, é a Paige que quer ter do outro lado da chamada. A Paige atenderá o telefone, largará tudo, dará o seu próprio sangue. (A Paige é O negativo, como seria de esperar.) Quando ocorre um desastre, é a Paige que queremos que assegure que há pasta dos dentes na mala de emergência e que aquele especialista de Dallas vem de avião para uma consulta.

É evidente que não se quer a Mallory a resolver as coisas.

Eu entendo, a sério que entendo.

Mas não quer dizer que não magoe.

Oh, e o que aconteceu ao Viljo? Ficou tão destroçado com a morte da mãe que foi para casa na Finlândia e fez a ordenação num mosteiro no Círculo Ártico. Ainda nos envia postais de Natal todos os anos.

Como eu disse, isto nem inventado.

O *Volvo* usado é suficientemente novo para ter ligação *bluetooth* ao meu telemóvel, e a voz da Paige ecoa pelas colunas.

— Mallory? Ainda aí estás?

Espreito para o Sam, ainda a olhar pela janela. Dá toques com o dedo no joelho, ao ritmo do que quer que lhe saia dos auriculares. Baixo o volume das colunas do carro.

— Ainda aqui estou. O que tem a mãe? — pergunto, desconfiada.

— Ora bem, tenho uma confissão a fazer — começa por dizer.

— Oh, bolas.

— *O que foi?* Se não és tu a dar início a isto, não me resta alternativa, certo? Quero dizer, podemos ficar aqui paradas à espera de que o merdas do nosso pai mude de ideias e dê um rim ao neto...

— Paige, por amor de Deus. Não digas palavrões em frente ao miúdo.

— O quê, o Sam está a ouvir?

— Está aqui no carro comigo. Tem os *AirPods* nos ouvidos.

A Paige faz um ruído de frustração.

— Mallory, isto é importante. Isto é... isto é grande.

— Então, porque não esperaste que eu chegassem?

— A que distância estás?

— Não sei. Meia hora, sem trânsito? Acabei de passar a saída para Orleans.

Ela faz outro ruído.

— Muito bem. Eu sirvo a vodca com *Spindrift*.

Desde que a mãe deixou à Paige a casa de Provincetown, na ponta do escorpião formado por Cape Cod, ela e o marido fizeram lá uma série de melhorias.

Não sei como dizer isto com delicadeza, portanto vou despachar: O Jake ganha muito dinheiro. Tem uma parceria financeira qualquer com um par de compinchas de Yale e, pelos vistos, é bom no que faz, embora não dê para reparar nisso se se chocar com ele numa passadeira. Ele pediria desculpa e perguntaria à pessoa se estava bem e pegaria no que ela tivesse deixado cair e a pessoa seguiria caminho, atravessando a rua, nunca imaginando que o tipo esgalgado de calções

caqui e boné dos Red Sox e colete polar azul-marinho *L.L. Bean* com o brasão East Rock Partners bordado no lado esquerdo ganhou cinco milhões de dólares no ano passado. (Estou só a lançar à sorte. Não faço ideia da pasta que o Jake ganha — a Paige escrupulosamente nunca fala de dinheiro.) Ele mede um metro e oitenta e oito e tem cabelo preto ralo e um rosto tão inexpressivo que é difícil de descrever. A Paige conheceu-o em Yale, no terceiro ano, e casaram há doze anos na igreja católica aqui de Provincetown, com a receção na praia da casa da mãe.

Nesses tempos, usávamos a palavra *excêntrico* para descrever o nosso lar de infância. Eram 84 metros quadrados de pedra e telhas de cedro que sobreviveram a um século de ventos nordeste, um ou outro furacão, sem muitas alterações à traça original, a não ser para acrescentar eletricidade e água quente. Recordo-me de que tinha um quarto para a mãe e outro que eu partilhava com a Paige, e um quarto de banho ao fundo do corredor que gemia quando se enchia a banheira e que voltava a gemer quando se esvaziava. A cozinha tinha o teto inclinado e a sala de estar também servia para jantar e de biblioteca, com grandes janelas voltadas para o mar que tinham de ser entaipadas com contraplacado antes de cada tempestade.

A Paige merece crédito por, respeitadora da história, não ter derrubado a casa quando ela e o Jake levaram a cabo as renovações. Na realidade, esta serve agora como suíte principal deles, e os canos já não gemem ao encher a banheira, talvez por a Paige ter derrubado um par de paredes para aumentar a casa de banho de modo a formar um refúgio em mármore e madeira resgatada do mar que cheira a spa.

Então, construíram anexa à nossa casa original toda uma nova casa, uma casa costeira tipo avó a que o Sam chama aura. (Eu e a Paige chamamos-lhe Summersalt... perceberam?¹) Todos os verões, passamos aqui várias semanas, tentando não derramar nada, enquanto eu e o Sam nos deslocamos três vezes por semana a Barnstable para a diálise, tal como fizemos hoje, e voltamos. Estacionamos o carro junto à garagem e percorremos a gravilha até ao vestíbulo de entrada onde cada um tem o seu cubículo, como na pré-primária. Na cozinha alva, a Paige fala ao

¹ Jogo de palavras com *sommersault*, que significa «cambalhota», sendo que *summersalt* alude a verão e sal, e, como tal, férias na praia. [N. T.]

telefone com alguém que, pelo que se ouve, vai fornecer o novo papel de parede. Olha para nós e diz à pessoa em causa que tem de desligar e que falarão mais tarde.

— Então! — Olha para o Sam. — Como é que correu, miúdo? O Sam lança-lhe um olhar de estranheza.

— Ótimo. Obrigado. A Ollie está por cá?

— Foram à praia com a Brittani, querido. Queres ir lá ter com elas?

— Pode ser. — O Sam vira-se para o vestíbulo.

— Não te ponhas a beber demasiada água! — grito-lhe. No novo balneário na ponta do relvado, antes de se aceder à ponte sobre a enseada que dá para as dunas, a Paige instalou um posto de bebidas, que, tenho de reconhecer, dá bastante jeito. Gelo e água e um frigorífico cheio de *Spindrift*.

— Ele está bem, certo? — pergunta a Paige. — Hoje em dia, é tão difícil de interpretar.

— Está bem. E então, o que se passa?

Ainda olha para a entrada do vestíbulo, de cenho franzido.

— Os médicos disseram alguma coisa? Tenho andado a ler sobre os efeitos da insuficiência renal e diálise de longa duração...

— Olha, sei onde estás a tentar chegar, está bem? Sim, o meu filho precisa de um rim. Sim, está no registo de doações. Sim, todos os nossos familiares fizeram testes em busca de uma boa equivalência. Sim, sabes bem como correu.

— O raio do pai.

Encolho os ombros.

— Seja com for, não deu uma equivalência de tecido ideal. Três em seis. E o pai, nestes últimos anos, não andou propriamente a tratar muito bem dele.

— Um rim de merda é melhor do que nenhum rim.

— Além disso, ele já vai nos setentas. É um rim rançoso. E a decisão é dele, certo? A doação de órgãos não é para qualquer um.

— Só para que saibas — diz ela —, já não o considero meu pai.

— E agradeço a tua lealdade. Ora bem, e a minha bebida?

— Oh, caramba! Esqueci-me. O decorador ligou. Drama com o papel de parede. Aguenta um segundo.

— Sempre disse que não há drama como o drama do papel de parede.

Vai a correr ao armário das bebidas.

— A sério, vais precisar disto. Ainda estou a tremer.

— A tremer? O que estás para aí a dizer?

A Paige pousa a vodca no quartzo prístico e abre o frigorífico das bebidas, que não deve ser confundido com o *Sub-Zero* industrial na parede em frente que requer um gerador próprio da Eversource.

— Queres cortar umas rodelas de lima? A tábua de cortar está no armário logo abaixo de ti.

Curvo-me para abrir a porta do armário e retirar a tábua de corte em madeira. Nesta cozinha de pedra imaculada e aço inoxidável e eletrodomésticos que parecem ter vindo do espaço sideral, a tábua de cortar é uma relíquia da infância. Adoro as manchas e as cicatrizes, a aspereza familiar da madeira. Imagino a mãe a cortar cebola, tomates, beringelas, curgetes, manjericão. Retiro uma lima do arranjo de citrinos no centro da ilha.

— Eu passava-me — digo — com a forma como eras sequer capaz de pensar em papel de parede ou limas quando estavas perturbada com algo. Sabes, assegurar que todos têm um *cocktail* vespertino num ambiente agradável.

— Espera, como? O que queres dizer com isso?

Corto a lima ao meio e as metades em quartos.

— Depois percebi que é assim que lidas com as merdas.

— É melhor do que negação.

— Quem está em negação?

— Isso não é só um rio no Egito, certo?²

Espero que ela acabe de servir a *Spindrift* e largo um quarto de lima em cada copo.

— Eu não estou em negação, está bem? Vivo com isto todos os dias. Nada de batatas fritas, nem bananas. Todos os dias olho para o meu filho e ouço o tiquetaque do relógio, está bem? Por isso, não me digas que estou em negação.

Beberica da sua bebida e reparo que a sua mão realmente treme.

— Olha, tentámos os familiares, certo? Só não temos é muitos.

A mãe morreu. Os pais dela morreram. O pai está-se a cagar. Tu *estás*

² Trocadilho que funciona apenas em inglês, em que a palavra *denial* (negação) soa de forma parecida com *Nile* (Nilo). [N. T.]

empenhada, algo pelo que me sinto eternamente grata, mais do que posso exprimir, mas não és compatível. As tuas filhas são demasiado novas.

— Querida — diz ela. — Eu sei disso tudo. Já falámos sobre isto.

— Então, estamos entalados à espera da nossa vez na lista de transplantes. Que, graças à COVID e graças ao tipo de tecido raro do Sam, não avança propriamente depressa.

— Não estamos empatados à espera no raio da lista de rins, OK? Há *opções*.

Pouso o meu copo.

— Não.

— Mallory.

— *Isso* não é opção, Paige. Isso *nunca* foi opção.

— Nem sequer para salvar a vida do teu filho?

— Então, vamos lá analisar um pouco isso...

— Não há nada a *analisar*, Mallory. — A Paige ergue os dedos para traçar aspas. — Ele é pai do Sam. Facto biológico. Tem rins. Também um facto biológico.

— Primeiro, se achas que me é possível sequer iniciar essa conversa com, tipo, um homem na posição dele, estás louca.

— Louca? Só tens de lhe enviar um *e-mail*. Ele há de reconhecer o teu nome.

— Se o Monk Adams lê o seu próprio *e-mail*, eu sou a Beyoncé. Os assistentes dele devem receber uns dez *e-mails* por dia de mulheres que alegam ter dado à luz um filho dele. Ou desejariam fazê-lo.

A Paige aponta-me um dedo.

— Sabes o que és? Uma cobarde.

— Foda-se, estás a gozar comigo?

— Tens tanto medo de te magoares que estás disposta a sacrificar o teu próprio filho.

— Isso é uma valente treta. Absoluta. Estou a fazer um favor ao Sam. A *poupá-lo*.

— A *poupá-lo* a quê, exatamente? A ter um pai? Um rim funcional?

— Achas... mas achas *mesmo*... que podia aproximar-me de um dos homens mais famosos do mundo e dizer: «Olá, Monk, dei à luz um filho teu há treze anos, e, já agora, será que podes dar-lhe um rim?»

A Paige cruza os braços.

— Sim. É exatamente o que acho que devês fazer.

— E se ele *rejeita* o Sam? Não há terapia no mundo que cure isso, Paige. Ou pior, e se puxa o Sam para aquela vida dele, aquelas tretas todas de estrela mundial da música?

— Tens de *tentar*, Mallory.

— Ele nem sequer tem uma boa compatibilidade.

— Como é que sabes?

— São as probabilidades.

— São as probabilidades? Estás a falar a sério?

Baixo o olhar para a tábuia de cortar e para os dois quartos de lima que sobraram, tombados para os lados. A faca de descascar, uma daquelas marcas alemãs com a pega preta mortífera. Pela primeira fez, reparo na música que sai das colunas topo de gama. Alguma peça de piano, provavelmente Chopin. A mãe costumava tocar Chopin quando éramos bebés para nos acalmar. Dado que a Paige nunca deixa nada ao acaso, calculo que a seleção musical não seja fortuita.

— Paige, esquece isso, está bem?

— Estou só a dizer que se ele fosse *meu* filho...

— Bem, ele *não* é teu filho, OK? Tu não sabes. Não sabes como é criar um filho sem pai...

— Foi *escolha* tua, Mallory...

— Não *sabes*! Não imaginas como é fazer isto sozinha.

A Paige pega na sua vodca *Spindrift* e agita o gelo. Um rabo-de-cavalo prende atrás o seu cabelo com laivos louros; tem um leve batom cor-de-rosa nos lábios. Usa uns corsários azul-marinhos e uma t-shirt em V azul-marinha da *Lululemon*. Tudo nela é polido e simétrico.

— Sabes o que mais? — diz. — Tens razão. Não faço a mínima ideia de como é impedir a entrada do pai do teu filho na vida dele. Não faço a mínima ideia do que te levará a fazer tal coisa a ti e ao Sam. E sabes porquê?

— Por não teres um pingo de imaginação?

— Porque nunca me *contaste*, Mallory. Não contas o que seja sobre o que se passou naquele verão. Como é que acabaste grávida. Quer dizer, o Monk *Adams*. De entre toda a gente. Por isso, sim, não te admires que tenha de preencher por mim os pontos em branco.

— Não vamos esquecer que, na altura, ele não era famoso, certo?
Era um estudante universitário. Não era ninguém.

— Para ti, era alguém.

— Foi um erro, só isso. Um erro do caralho pelo qual vim a pagar todos os dias da minha vida, podes acreditar.

Por estar a dizer isto para dentro do copo, ao pegar na lata de *Spindrift* para voltar a enchê-lo, perco a expressão horrorizada da minha irmã até reparar que ela não ripostou.

Ergo o olhar. A Paige espreita por cima do meu ombro para o vestíbulo.

Derrubo o copo ao dar a volta. Bebida por todo o lado. A Paige pega num pano de cozinha.

— Mãe? — diz o Sam. — Esqueci-me dos meus calções de banho na roupa lavada.

— Só para esclarecer — digo, ao remexer na pilha de roupa —, não és *tu* o erro.

— Mãe, para.

— Não és *tu* o meu arrependimento. Não me arrependo de te ter tido, nem por um segundo, nunca me arreendi. Estes não são os teus, pois não?

Pego num par de calções cor-de-rosa cobertos de pequenas baleias azuis em lantejoulas. O Sam abana a cabeça.

— São do tio Jake — diz ele.

— Céus, parece um delírio da *Vineyard Vines*. De que cor são os teus?

— Azuis. Tipo, azul-escuros.

— Não interessa, o que quero dizer... sabes como é, amo-te e isso tudo. Não trocaria por nada o facto de te ter tido.

— Mãe, *para*, está bem? Sei o que queres dizer.

Descubro um par de calções de banho justos azul-escuros com uma cinta verde-néon.

— Conheces estes?

Ele agarra-os.

— Obrigado.

— Então, o que *achas* que eu queria dizer? — questiono.

O Sam suspira. Veste calções e uma t-shirt que diz BEAR LAKE CAMPGROUND — trata-se de um lugar que não existe, penso que é um t-shirt da *J.Crew Factory* —, e fica-lhe tão larga no seu corpo magricela que me apetece dar-lhe um hambúrguer. Tem andado a deixar crescer o cabelo, e os caracóis tombam sobre a testa. Afasta-os para o lado e diz:

— Queres dizer que é uma treta criar-me sozinha.

— E para ti? Também é uma treta? Não ter um pai?

Encolhe os ombros.

— E o tio Jake? É como um pai, certo?

— Mais ou menos.

— Alguma vez pensas no teu verdadeiro pai?

— Mais ou menos.

— Questionas-te quanto à ausência dele?

— Eu *sei* porque é que ele está ausente.

— E porque é?

— Mãe, não.

— Não o quê?

— Não tentes ser a minha psiquiatra.

— Mas tu não tens psiquiatra.

— *Duh.*

— Achas que *precisas* de um psiquiatra?

— Mãe, tu és *péssima* nisto.

— Desculpa, está bem? Só quero que estejas bem. Detesto que não tenhas um pai como os outros miúdos. Quero dizer, até os miúdos filhos de divorciados têm pais, apesar de não serem muito presentes. Por isso, sinto-me mal. Era ao que me referia sobre pagar pelo meu erro. O meu erro foi não te dar um verdadeiro pai.

— Mãe, eu sei.

— Sabes o quê?

Suspira ao olhar para mim, como só um rapaz de 13 anos consegue suspirar para a mãe. Suspira e afasta de novo do rosto o seu cabelo louro, e, por um segundo, o gesto assemelha-se tanto a um gesto similar de há catorze verões que até perco o fôlego.

— Sei quem ele é, certo? O meu pai.

— *O quê?*

- Eu disse que sei quem ele é.
— *Quem?* Quem achas que ele é?
— Aquele cantor.
— Que cantor?
— O Monk — diz ele. — Monk Adams.
Rio-me como uma louca.
— Isso é uma palermice. O Monk Adams. O que te leva a pensar isso?
— Para começar, eu tenho ouvidos, OK?
— Oh, *isso*? Estás a referir-te ao que se passou ainda há pouco na cozinha?
— Mãe, por favor. Não é de agora, é de sempre. Tu e a tia Paige. A tia Paige e o tio Jake. A rapariga que me corta o cabelo, que é tipo: *Meu, és a cara chapada do Monk Adams.* — O Sam revira os olhos.
— Além disso, faz sentido, certo? Quero dizer, eu sei usar o Google. Vocês andaram na mesma escola e tudo. Ele vive naquela ilha onde trabalhavas.
Sento-me e recosto-me na máquina de secar.
— Muito bem, Sherlock. E o que mais?
— Como assim, o que mais?
— O que mais te leva a pensar que és o filho bastardo do Monk Adams? Além da tua beleza estonteante e carisma extraordinário, claro.
O Sam enrola os seus calções e vira-se para abandonar a divisão.
— Porque nunca pões a tocar nenhuma das canções dele.

As palavras manifestam-se na minha mente ao fechar a porta da máquina da louça e ao carregar no botão START.

É sobre a mãe.

Viro-me para a Paige, que se encontra junto à ilha da cozinha, a encher mais uma vez o copo de *rosé*. Desde a tarde que andámos em pontas uma com a outra — a preparar o jantar, a gerir a circulação dos miúdos, cada palavra proferida meia oitava acima do habitual. A Paige contrata uma universitária da terra para manter as três miúdas na linha no que toca a todas as lições de ténis e aulas de natação e Academia Khan e aquilo a que chama de *tempo de praia*, que se trata agora

do nome oficial para o modo como passámos todos os verões quando éramos miúdas, por aí às voltas sob supervisão adulta residual, mas a Brittani volta para casa às cinco para se preparar para o seu turno a servir no Black Sheep e o Jake, como é evidente, passa os dias da semana a trabalhar na cidade.

Por isso, entre uma coisa e outra, tenho andado distraída.

Deito a mão à garrafa de vinho.

— Espera lá, e aquilo *sobre* a mãe?

— A mãe?

— No carro. Ao telefone. Algo sobre a mãe.

Pousa o copo e leva uma mão à boca.

— Oh, meu Deus, nem acredito que me esqueci de te contar.

O escritório da Paige fica logo em frente à cozinha, como uma despensa, só que guarda todos os assuntos administrativos da família em estantes refinadamente organizadas e gavetas de arquivo que deslizam para dentro e para fora nos seus carris silenciosos. O papel de parede é tipo padrão *paisley* sobre um fundo da cor do mar. Há uma pilha de álbuns de arte no assento à janela. O computador portátil dela está pousado fechado na secretária embutida. Ao lado, uma pasta de arquivo brilhante num xadrez madras combina com as cores do papel de parede de uma forma indefinível.

Ela pega na pasta e abre-a.

— Ora bem, decidi fazer uma pequena pesquisa — anuncia.

— Que tipo de pesquisa?

— Pesquisa familiar.

— Oh, Paige. Vá lá. Achas mesmo que algum primo em terceiro grau vai doar um rim ao Sam?

— Mallory — diz ela. — Eu tenho de fazer *algo*.

— Porque *eu* não faço. É aí que queres chegar?

— A questão do pai biológico é o que é. Não vou fazer-te mudar de ideias. — Empurra a pasta contra o meu peito. — Mas isto talvez faça.

Um reflexo qualquer leva-me a agarrar a pasta. Seguro-a entre os meus dedos como se poderia agarrar o crânio de Yorick.

— Como assim?

— Vasculhei todas as caixas com arquivos que a mãe deixou no sótão. Coisas que guardou da nossa infância, coisas que guardou dos pais dela.

— E?

A Paige cruza os braços.

— Olha para a primeira página.

Olho para baixo.

Certificado de adoção, lê-se.

— Oh, merda. Fomos *adotadas*?

— Não somos *nós*, parva. Ela. A mãe. Vê a data. Vinte e sete de junho de 1952.

Sinto a cabeça às voltas, a grande velocidade. A antiga escrita à máquina fica desfocada. Não entendo isto; nem sequer consigo ler. *Adotada*.

Penso nos meus avós. Idosos, formais. A receber-nos para jantar em sua casa, em Brookline, o cheiro a verniz de limão. A mãe a acender um cigarro depois de nos virmos embora.

Volto a olhar para a Paige.

— Que merda é esta? Porque é que não nos contou?

— Sei lá. Bem, acho que explica porque é que é filha única. A avó e o avô adotaram-na num orfanato católico perto de Galway...

— Espera, *Irlanda*? Estás a dizer que a mãe nasceu num orfanato irlandês?

— E isso nem é o mais estranho. O estranho é que a mãe não era uma mera mãe adolescente solteira...

— Uau, obrigada.

— Cala-te e ouve. — A Paige retira-me a pasta e vasculha mais folhas. — Olha para isto. Não tem nome, certo, porque deve ser anónimo. Mas, na descrição da mãe biológica, diz... aqui mesmo... diz que é branca, inglesa, 34 anos...

Arranca a folha do maço e brande-a à minha frente.

— ... e casada.

**DUAS MULHERES.
UM SEGREDO DE FAMÍLIA.
DUAS INTEMPORAIS HISTÓRIAS DE AMOR.**

Nova Inglaterra, 2022. Mallory Dunne, mãe solteira, recebeu o telefonema que todos os pais temem: o seu filho de 10 anos, Sam, ingeriu um cogumelo venenoso no acampamento de verão e está a lutar pela vida. Agora, enquanto procura um dador de rins compatível com o filho, Mallory é confrontada com dois segredos terríveis: a adoção da sua mãe em 1952 e o arrebatador romance de verão que ela própria viveu alguns anos antes com Monk Adams, seu amigo de infância e, agora, um dos mais amados e famosos músicos do mundo — um conto de fadas abruptamente interrompido devido a uma traição devastadora.

Cairo, 1951. Sobrevivente do Holocausto, Hannah Ainsworth, refugiada húngara, consegue reconstruir a sua vida, acabando por casar-se com um abastado diplomata britânico, destacado na muito cobiçada e glamorosa cidade do Cairo. Todavia, um encontro fortuito com o enigmático gerente de um hotel repleto de espiões resulta num tumultuoso caso amoroso, e, à medida que a revolução fervilha nas ruas, Hannah, grávida, vê-se presa num jogo de intrigas entre dois homens... e vítima de um sacrifício que irá ter repercussões por gerações.

Intemporal e comovente, *Maridos e Amantes* levará o leitor numa inesquecível viagem sobre desgosto e redenção, desde o fogo revolucionário do Egito de meados do século XX, às praias endinheiradas da Nova Inglaterra contemporânea.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt



ISBN: 978-989-589-211-2



9 789895 892112